

“A África está aqui!”: Desconstrução de concepções etnocêntricas na História afrobrasileira

*"¡África está aquí!": Desconstrucción de concepciones etnocéntricas en la
Historia africana de brasil*

*"Africa is here!": Deconstruction of ethnocentric conceptions in afro-
brazilian History*

Kênya Jessyca Martins de Paiva¹

Mariana Soares da Silva²

Resumo

O trabalho parte das atividades realizadas na disciplina de Estágio III, do curso de História, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). O estágio ocorreu no Clube Social 24 de Agosto, localizado em Jaguarão, em 2013, e teve como objetivo construir instrumentos metodológicos para o desempenho de uma ação docente que percebesse o ensino de História presente em diferentes espaços. A proposta prática foi surgindo a partir da pesquisa do acervo da instituição, em que foram analisadas fontes escritas, bibliográficas e atas, bem como por meio do diálogo com os membros do clube. Visando demonstrar e mediar o conhecimento sobre a cultura afrodescendente, confeccionamos uma exposição na Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XII, intitulada “A África está aqui! Um pouco das histórias do Clube 24”. Posteriormente, realizamos uma oficina de máscaras africanas, com o intuito de aproximarmos os alunos de uma prática usual dessa cultura. A intenção das ações foi fazer com todos tivessem maior contato com a cultura afro, desenvolvendo uma percepção crítica para desconstruir concepções etnocêntricas legitimadas por um ensino de História tradicional. Conseguimos alcançar alguns dos objetivos, como a problematização das crianças em relação ao tema, visto que a todo o momento surgiram várias perguntas, por exemplo, sobre o que era um quilombo e o que era um continente, além delas relacionarem a capoeira com as suas vidas. Nesse sentido, verificamos a relevância desse trabalho para auxiliar na construção de cidadãos pensantes e preocupados com questões sociais e étnico-raciais.

Palavras-chaves: cultura afro-brasileira; ensino de história; etnocentrismo.

Resumen

El trabajo parte de las actividades realizadas en la disciplina Etapa III del curso de Historia, de la Universidad Federal del Pampa (UNIPAMPA). La pasantía ocurrió en el Club Social 24 de Agosto, situado en Jaguarão, en 2013, y tuvo como objetivo construir instrumentos metodológicos para la realización de una acción docente que percibiese la enseñanza de la historia presente en diferentes espacios. La propuesta práctica surgió de la investigación de la colección de la institución, que analizó las fuentes escritas, bibliográficas y de actas, así como mediante el diálogo con los miembros del club. Para demostrar y mediar el conocimiento sobre la cultura afrodescendiente, realizamos una exposición en el Escuela Primaria del Estado Pius XII, titulada “¡África está aquí! Un poco de las historias del Club 24”. Posteriormente, realizamos un taller para máscaras africanas, cuyo

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão; Rio Grande do Sul; Brasil; kenya.paiva@hotmail.com

² Graduada em História pela Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão; Rio Grande do Sul; Brasil; marianinhasoares15@hotmail.com

objetivo era acercar a los estudiantes a una práctica habitual de esta cultura. La intención de las acciones era hacer que todos tuvieran un mayor contacto con la cultura afro, desarrollando una percepción crítica para deconstruir las concepciones etnocéntricas legitimadas por una enseñanza de la historia tradicional. Pudimos alcanzar algunos de los objetivos, como la problematización de los niños en relación con el tema, ya que todo el tiempo había varias preguntas, como qué era quilombo e qué era un continente, además, ellas relacionaron la capoeira con sus vidas. En este sentido, verificamos la relevancia de este trabajo para ayudar en la construcción de ciudadanos pensantes preocupados por cuestiones sociales y étnico-raciales.

Palabras clave: cultura afrobrasileña; enseñanza de la historia; etnocentrismo.

Abstract

The work starts from the activities carried out from Stage III of the History course at the Federal University of Pampa (UNIPAMPA). The internship was held at the 24 de Agosto Social Club, in Jaguarão, on 2013, and aimed to build methodological instruments for the performance of a teaching action that perceived the teaching of history present in different spaces. The practical proposal emerged from the research of the institution's collection, which analyzed the written, bibliographic and minutes sources, as well as through dialogue with club members. In order to demonstrate and mediate knowledge about Afro-descendant culture, we held an exhibition at State Elementary School Pius XII, entitled "Africa is here! A little bit of Club 24 stories". Subsequently, we held a workshop for African masks, which aimed to bring students closer to a usual practice of this culture. The intention of the actions was to make everyone have greater contact with Afro culture, developing a critical perception to deconstruct ethnocentric conceptions legitimized by a teaching of traditional history. We were able to reach some of the goals, such as the problematization of children in relation to the theme, since all the time there were several questions, such as what was quilombo and what was a continent, besides they relate capoeira with their lives. In this sense, we verify the relevance of this work to assist in the construction of thinking citizens concerned with social and ethnic-racial issues.

Keywords: Afro-Brazilian culture; history teaching; ethnocentrism.

1. Introdução

O presente texto parte dos estudos e atividades realizados durante a disciplina de Estágio Supervisionado III, do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão, sob orientação da Profa. Dra. Hilda Jaqueline de Fraga. Esse estágio teve como objetivo explorar e construir instrumentos metodológicos para o desempenho de uma ação docente que percebesse o ensino de História presente em diferentes espaços não escolares, concebendo o saber histórico nas suas variadas perspectivas e meios educativos para a sua apreensão.

No andamento das atividades em sala, participamos de discussões sobre as questões que envolvem o estágio em espaços não escolares, bem como seus fundamentos e o lugar que este ocupa no nosso processo de formação. Juntamente com a disciplina de Didática, também ofertada pela orientadora de estágio, pudemos aprofundar a análise dos principais conceitos a serem considerados nas observações e planejamentos, como os de educação histórica, didática da História, consciência histórica, verdade histórica, entre outros.

Diante dessas concepções atuais, o ensino de História no Brasil sofreu diversas transformações. Dentre elas, podemos citar o tensionamento, ao longo do tempo, do seu caráter legitimador de heróis e conquistas advindas de elites, assim como o rompimento com a primazia de uma história branca ocidental e cristã por meio das novas abordagens da historiografia. As contribuições da Nova História permitiram trazer à tona e discutir narrativas históricas de outros personagens, antes silenciados, ou seja, deslegitimados pela historiografia oficial até então, entre elas a história das mulheres, do povo negro, povo indígena, cigano etc. Debates tais que as e os profissionais de História necessitam tematizar em suas aulas, pois, conforme Perrenoud (1999, p. 1), ensinar História pressupõe orientar o sujeito a se situar no tempo e no espaço em que vive, fazendo-o conhecer e construir os aspectos do passado, para compreender, refletir e argumentar sobre o presente; essa seria a missão daquele que se propõe a se profissionalizar como educador/historiador. Nesse sentido, destaca-se a importância da memória individual e social, encontrada em diferentes espaços não necessariamente escolares.

Desenvolvemos o estágio no Clube Social 24 de Agosto, local pensado e construído no início do século XX, período de pós-abolição da escravidão de negros e negras, quando o preconceito e a discriminação étnico-racial estavam presentes de forma direta e naturalizada na sociedade. Conforme o senhor Nergipe Machado, presidente de honra do clube, diante do impedimento de frequentarem e tornarem-se sócios dos clubes da cidade, quatro amigos se reuniram e decidiram fundar o clube social, que ganhou o nome “24 de Agosto” por conta do dia do encontro (NUNES, 2010, p. 24).

Fundado em 1918, momento em que a população negra emergia com lutas e movimentos por todo país em busca de espaços igualitários, visto que a assinatura da abolição da escravidão, em 1888, não interferiu como se pretendia na vida das pessoas, o Clube Social 24 de Agosto traçou sua trajetória sob tal contexto de marginalização e preconceito racial, tendo como principal objetivo trazer divertimento à comunidade negra, para que esta pudesse participar, como qualquer grupo de cidadãos brancos, de festas, bailes de debutantes, carnaval etc.

No momento em que o estágio foi realizado, em 2013, o clube contava com uma diretoria composta pelo presidente interino, Sr. Nair Madruga Crespo (conhecido como “Seu Madruga”); primeiro secretário, Roberto Carlos Pereira Soares; segunda secretária, Maria de Lurdes Corrêa; e tesoueiros, Fabiano Miranda e Irani Ferreira. O conselho fiscal era representado pelos Srs. Pedro Ivo Ferreira e Amir da Rosa, e pela Sra. Ivalina Zubiaguierre.

Como diretor social, ocupava o cargo o Sr. Luiz Alcides Costa Cardoso, e como presidente de honra, o Sr. Nergipe Almeida Machado.

Além da diretoria, uma das trabalhadoras do Clube Social 24 de Agosto era a jovem secretária Viviane Gonçalves Lima, que, ao ser entrevistada por nós, comentou sobre algumas de suas funções: “eu sou um quebra galho aqui no clube, faço um pouco de tudo, como as voltas do banco, escritório, pagamentos, contagem de tickets, e venho de segunda a sexta de tarde” (LIMA, 2013). Viviane Lima foi a nossa companheira durante todo o estágio, desde a ajuda a nos manter conscientes com as nossas diversas ideias até a hora de colocar a *mão na massa* conosco.

Mas não parou por aí. À época, o Clube Social 24 de Agosto tinha outros funcionários, como a Elizabette Machado (a Dona Beta), que realizava a limpeza do salão aos domingos após o término das festas e vendia – com outros trabalhadores que infelizmente não tivemos a oportunidade de conhecer pelo fato do clube estar de portas fechadas – os tickets de bebida aos frequentadores. Tais colaboradores eram do quadro efetivo do clube e variavam entre copeiros e seguranças. E, por último, conhecemos Diego Molina, que trabalhava como ronda, protegendo o clube de possíveis furtos ou entrada de indivíduos desconhecidos.

Em 2007, o clube enfrentou uma batalha judicial com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, o ECAD, com a tentativa de retirada de seu prédio devido às dívidas por direitos autorais. Diante da disputa, a diretoria do 24 de Agosto e a comunidade local uniram-se e viabilizaram diversas manifestações de apoio, como o *abraço simbólico* ao prédio, que reuniu as pessoas em prol da solidariedade e preservação daquele espaço salvaguarda de tantas memórias, bem como a elaboração de petições públicas pela manutenção de sua sede, a realização do 7º Encontro de Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul, sediado na instituição jaguareense em 2011, e a organização da documentação e do pedido de tombamento estadual, que garantiu o 24 de Agosto como o primeiro Clube Social Negro tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE), em 2012.

A última novidade positiva envolvendo o 24 de Agosto foi a conquista de um dos Pontos de Cultura direcionados para o Rio Grande do Sul, que são financiados pelo Ministério de Cultura (MinC) e implementados por entidades que visam à utilização do espaço em prol da cultura. Nesse caso, o clube contemplará o teatro, a dança afro, capoeira, cinema, entre outras manifestações. Conforme Seu Madruga, esse já era um sonho desde a época do Theodoro Rodrigues, sócio-fundador do clube, e estava expresso no primeiro estatuto da instituição, datado de 1964.

Porém, mesmo sendo um espaço ativo de festividades desde fevereiro de 2013, permaneceu com as portas fechadas, assim como alguns clubes da região, por terem sido constatadas algumas irregularidades no prédio, o que levou à interdição pelo Corpo de Bombeiros local para garantir a segurança do público frequentador.

Toda a herança cultural africana e a luta do clube pela sua própria existência, que teve como consequência o seu tombamento e reconhecimento como local de memória, justificaram nosso desejo por realizar uma mediação educativa com crianças nesse espaço. Além disso, nosso projeto no 24 de Agosto se fundamentou, tendo em vista que o ensino de História perpassa temáticas envolvendo as questões étnico-raciais e, também, pelo fato de que, apesar da presença marcante do povo negro em Jaguarão, é de pouco conhecimento o legado dos africanos e seus descendentes na região. É muito comum, nas salas de aulas, vermos os estudantes aprendendo a história da população negra associada apenas à escravização.

Dessa forma, a proposta prática foi surgindo a partir da pesquisa do acervo do 24 de Agosto, em que foram analisadas as fontes escritas, bibliográficas e atas referentes à instituição, assim como por meio do diálogo com os membros do clube. A partir disso, descobrimos a necessidade de ter uma exposição que contasse um pouco da história desse espaço, que foi nosso campo de estágio, e que trouxesse aspectos principais da cultura africana, as relações com as lutas da população negra e a cultura afrodescendente no Brasil, no Rio Grande do Sul e, por fim, em Jaguarão, que são muitas vezes invisibilizadas e pouco conhecidas pela comunidade local e pelo público escolar.

2. Compartilhando as experiências da prática de ensino de História na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Pio XII”

Considerando toda a abordagem citada anteriormente, a nossa ideia foi referenciar, em forma de exposição e atividades culturais, os processos que marcaram e marcam a presença negra no Brasil, a diversidade sociocultural oriunda da miscigenação entre etnias, a escravização de africanos, o trabalho dos homens negros da época, suas formas de resistências. Posteriormente, contextualizamos esses sujeitos na história do Rio Grande do Sul, para chegar à história local da região e do município. Além disso, de forma dinâmica e interativa, buscamos a participação da comunidade escolar na construção e problematização da memória da cultura negra.

Com ênfase na história do Clube Social 24 de Agosto, referenciamos esse espaço como de convívio social e cultural, assim como de luta e resistência das populações negras na

busca por igualdade e justiça. O clube, dessa forma, constitui-se como um ambiente educativo, mesmo não sendo uma instituição escolar. Aproveitamos para dar ênfase à lei nº 10.639/2003, que busca a promoção do conhecimento da história afro-brasileira aos cidadãos, conforme o Art. 26-A, e que foi uma conquista após a luta de tantos movimentos e grupos:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (...)§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003).

Na exposição, intitulada como “A África está aqui! Um pouco das histórias do Clube 24”, visamos demonstrar e mediar o conhecimento sobre a cultura afrodescendente, perpetuado por esferas nacionais até se localizar na comunidade negra em Jaguarão. De forma didática, com uso de imagens, frases objetivas e pequenos textos, utilizados em quatro painéis com metragem 2m x 2m. Fizemos uma divisão cronológica para facilitar a compreensão e chegar até a história da população negra na cidade, perpassada também pelo contexto sócio-histórico da África, do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Jaguarão, onde destacamos o clube. Abaixo, segue a ordem dos tópicos abordados na exposição, com uma breve explicação e um registro em imagem.



Figura 1 – Painel África. Fonte: Foto de Viviane Lima, 15 de maio de 2013.

- **África:** primeira parte de exposição, na qual abordamos o patrimônio cultural africano e sua relevância, bastante presente no âmbito nacional e local, através da literatura oral, da

culinária (feijoada, mocotó, quibebe), da música (samba, reggae, blues), da dança (afro, capoeira) e da religião (umbanda, quitanda), com predomínio da influência de aspectos da cultura do Congo e de Angola, conforme a figura 1:

- **Brasil e Rio Grande do Sul:** narramos a história do tráfico e da escravização de africanos para o Brasil do século XVII ao XIX, práticas que se tornaram um comércio muito lucrativo na época. Buscamos ressaltar que homens e mulheres vinham de todas as localidades da África e em grande quantidade, sendo que a maioria nem chegava ao destino, pois muitos adoeciam e morriam pelo caminho. Ao tratar sobre a ocupação do povo negro escravizado no Brasil, a ênfase foi dada por meio de sua atividade permanente na cultura e economia, em que esses escravos trabalhavam incessantemente no engenho, charqueadas, fazendas etc., além dos serviços domésticos realizados pelas mulheres, que atuavam como mucamas, cozinheiras, amas de leite, entre outros. A resistência formou-se através da luta de negras e negros contra a opressão e pela busca por liberdade; muitos fugiam das fazendas abrigando-se em ou construindo quilombos; outros, mesmo contrariando as ordens dos escravizadores, mantinham suas manifestações culturais e religiosas trazidas da África.
- **Jaguarão:** a cidade garantiu sua ascensão econômica graças à localização estratégica da qual faz parte, cujo rio e a fronteira com outro país (Uruguai) facilitou o comércio, as construções e as permanências de charqueadas, assim como atividades agrícolas e pecuárias. Com base nisso, Jaguarão ocupou-se em cobrir o transporte de mercadorias para outros lugares. Também havia na cidade, naquela época, charqueadas que se utilizavam do trabalho escravo. Registros do Instituto Histórico Geográfico e Jaguarão comprovam, através de atas de batismos e nascimentos, e de contratos de compra e venda, o grande fluxo de escravos na região; muitos deles eram trazidos pelo rio e vendidos no mercado público para as famílias abastadas do local. Por fim, podemos citar os diversos territórios negros na nossa cidade, dentre eles a Comunidade Quilombola Madeira, os locais de prática da religião de matriz africana, Praça do Desembarque, Cerro da Pólvora, o próprio Clube Social 24 de Agosto, entre vários outros pontos.
- **Clube Social 24 de Agosto:** nessa parte da exposição, abordamos o surgimento do Clube 24 de Agosto, tendo em vista que a segregação racial também existiu no município. A alternativa encontrada pela comunidade negra foi a criação de espaços em que pudesse

interagir socialmente. Então, em 1918, o clube foi concebido por um grupo de amigos, que estavam cansados de sofrer preconceitos e ser subjugados de seus direitos. A instituição tinha por objetivo se constituir como um espaço de sociabilidade e de expressão da cultura afro, realizando bailes, jantares, desfiles, reuniões, apresentações artísticas, entre outros eventos.

Dando prosseguimento ao projeto, após apresentarmos a exposição sob um clima de diálogo aberto com as crianças e professoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XII, realizamos a oficina de máscaras africanas, com o intuito de aproximarmos os alunos à cultura africana. Após serem confeccionadas com os estudantes da escola, as máscaras foram colocadas em móveis feitos de caixa de papelão forradas com papel de seda. As figuras 2 e 3 registram alguns momentos compartilhados durante a atividade:



Figura 2 – Prática de confecção de máscaras africanas com alunos do 5º ano. Fonte: Foto de Mariana Soares da Silva, 15 de maio de 2013.



Figuras 3 – Móveis com as máscaras confeccionadas pelas crianças Fonte: Foto de Kênya Jessyca Martins de Paiva, 18 de maio de 2013.

Nosso público-alvo, primeiramente, foi de alunas e alunos de variadas turmas e idades da EEEF Pio XII. Nessa escola, também executamos a exposição e a oficina, tendo em vista que o campo em que realizamos o estágio estava interdito, fato que impossibilitou nossa intervenção nessa instituição. Logo após, realizamos uma avaliação com os agentes do clube.

No que tange à prática na escola, foi sucedida em dois turnos. O primeiro se deu pela manhã, com a turma do 5º ano, e percebemos que os alunos já tinham maior conhecimento sobre o assunto, foram participativos e mostraram-se sensíveis às distorções advindas do preconceito racial ao qual as pessoas negras foram submetidas. Explicamos à turma alguns aspectos sobre a cultura africana, mencionando ao longo de todo o diálogo a presença da cultura afro em nosso cotidiano.

As crianças mostraram-se surpresas ao descobrirem a presença da mão de obra negra na construção dos bens patrimoniais da cidade, a herança da culinária e da capoeira, entre outros. Durante a explanação da escravidão no Brasil e das palavras compartilhadas na época, perguntamos aos alunos se eles conheciam o significado da palavra *banzo*. Um deles respondeu que era esse o apelido de seu tio. Então, narramos a história da vinda dos africanos para o nosso país, tentando colocar as crianças no lugar dessas pessoas escravizadas e perguntando a elas o que sentiriam se fossem separadas de suas famílias, amigos, cidade. Por um instante, todos os estudantes ficaram pensativos, e a resposta foi certa: tristeza, saudade, dor. Utilizamos os sentimentos expostos por eles para trabalhar o significado da palavra *banzo*.

Toda a narrativa foi construída de forma didática, objetivando, sobretudo o pensamento reflexivo das crianças. Não quisemos sobrecarregá-las de conteúdos e histórias, mas buscamos destacar os principais aspectos que auxiliaram a construção do conhecimento histórico.

Assim como a História, a Arte também se concretiza através de obras e ações humanas focadas em diversas épocas e em variados aspectos sociais. O fazer artístico comunica e expressa sentimentos e pensamentos; da mesma forma, é a professora ou o professor quem se utiliza de formas interativas para se comunicar com os alunos, tecendo uma rede de relações que ajudará na prática de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, realizamos uma oficina de máscaras com as crianças, ensinamos a confecção, mas, devido ao curto tempo, levamos as máscaras quase prontas; aos estudantes, coube desenhá-las e pintá-las de acordo com a criatividade, que foi algo muito presente nas turmas.

Salientamos que a realização da oficina se deu de maneira descontraída, na qual os alunos foram protagonistas dessa prática, inclusive solicitando a nós, estagiárias, a possibilidade de aumentar o prazer que estavam tendo com a presença de músicas. Ao atendermos ao pedido, percebemos maior rapidez e alegria durante o andamento da ação.

Em relação ao segundo turno, no período da tarde, tivemos a presença de três turmas diferentes, sendo elas do 2º, 3º e 4º ano. A dinâmica realizada por nós teve seu diferencial em relação ao 5º ano. Esta turma era constituída por um grupo homogêneo, e, conforme a professora nos relatou, já havia trabalhado com eles questões indígenas e afro, até mesmo havia levado as crianças para um passeio até a Comunidade Quilombola Madeira. Já no período vespertino, além de termos sido avisadas na hora que teríamos um público heterogêneo, a maioria das crianças não conseguiu se enxergar no tempo e espaço que estávamos abordando por meio da exposição. Houve dispersão dos alunos e dificuldades em trazê-los para o tema, pois estavam agitados, provavelmente pela presença de outros colegas e pela nossa participação com a exposição, que era uma novidade.

Contudo, conseguimos alcançar alguns dos objetivos, como a problematização do assunto com as crianças, visto que a todo momento surgiram várias perguntas entre elas, por exemplo, sobre o que era um quilombo e o que era um continente. Elas também relacionaram a capoeira com as suas vidas e apontaram dúvidas e pensamentos sobre o trabalho doméstico.

Por conseguinte, ao narrarmos as formas de resistências encontradas pelos negros para sobreviverem à escravidão, um dos meninos questionou acerca do sofrimento sentido pelas pessoas. Segundo a criança, se os escravizados poderiam jogar capoeira, praticar sua religião e fugir para morar em quilombos, mesmo que tais práticas fossem contrárias às regras do

“patrão”, talvez a vida de “escravo” não fosse tão ruim assim. Nesse momento, ficamos preocupadas e buscamos fazê-los pensar em como realmente seria a vida dos negros naquele período, por meio de perguntas como: Quanto vale a sua vida? Será que é legal ser vendido como um objeto que se compra em um mercado? Como os escravos poderiam praticar as suas religiões, vindas dos tempos em que viviam na África, se eram obrigados a aceitar e seguir a religião cristã de seus donos?

Com essa mediação, fizemos as crianças refletirem sobre o que era não ter liberdade de ir e vir, somado ao trabalho forçado ao qual os escravos estavam submetidos e à separação de seus vínculos familiares e territoriais. No que se refere à oficina de máscaras, as crianças mostraram-se ansiosas e curiosas para saber os porquês da diferenciação dos rostos trazidos nas máscaras. Explicamos que, na África, elas são associadas a rituais simbólicos, representando um disfarce com o qual absorveriam forças de espíritos, que serviriam em prol da comunidade, como a cura de doenças, cerimônias fúnebres (enterros), casamentos, nascimentos, festividades das mais diversas e, também, para a guerra.

É importante destacar que tanto a exposição como a oficina com as máscaras foram organizadas com os integrantes do Clube Social 24 de Agosto (colaboradores e diretores), nosso segundo público-alvo do projeto. Por isso, agradecemos pelo trabalho, disposição, companheirismo, comprometimento e dedicação dos integrantes da instituição para viabilizar a realização do estágio ofertado, e por também participarem de uma avaliação em grupo sobre as atividades desenvolvidas durante as observações e práticas.

3. Considerações finais

Evidenciando as atividades do Estágio Supervisionado III, percebemos que, mesmo com a abrangência do tema, o nosso propósito foi alcançado de forma agradável e problematizadora. No Clube Social 24 de agosto, tivemos apoio dos colaboradores, da secretaria e da diretoria, que nos ajudaram incansavelmente em todas as nossas necessidades, trabalhando em conjunto para que fossem efetuadas as ações de pesquisa e ensino.

Na prática, as crianças relacionaram a presença negra no Brasil com a história do clube, partindo de seus conhecimentos prévios e conteúdos trabalhados em sala de aula. Elas também se sentiram confortáveis para esclarecer dúvidas que surgiram ao longo do debate sobre a trajetória do povo negro.

Em uma intervenção como essa, consideramos importante trazer questões e propostas bem objetivas, tal como dominar o tema estudado. Desta forma, abordar os assuntos e

explicar cada tópico facilmente, relacionar as frases com as imagens e com os conhecimentos prévios das crianças, assim como ter contato e dialogar com a escola e com as e os educadores sobre o que seria abordado no trabalho tornaram-se ações essenciais para desenvolvermos o processo de ensino-aprendizagem de forma satisfatória. O nosso projeto de estágio buscou auxiliar os estudantes a adquirirem mais domínio durante a atividade, pois estávamos tratando de tópicos sobre escravização, formas de resistências, etnias, cultura, política e sociedade com crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, que não possuem tantos estudos e estão construindo seu raciocínio crítico e histórico.

Em uma possível aplicação futura, pensamos ser pertinente usar outras estratégias para de trabalhar com a história do povo negro e do clube, como focar somente em determinado tema e esmiuçar o mesmo, caracterizando-o não apenas com imagens, mas, também, com o uso de objetos para que os alunos possam manuseá-los, possibilitando, com isso, novos meios de condução para outras narrativas.

Ao tratarmos os aspectos positivos do estágio, percebemos ao longo da exposição e da oficina que as e os estudantes receberam informações sobre o tema e protagonizaram o processo, visto que não só observaram como relacionaram e criaram formulações sobre o que foi apresentado. Desse modo, muitas crianças trouxeram exemplos de seu cotidiano, sendo muito gratificante para nós, pesquisadoras, pois notamos que houve um aprofundamento da história trabalhada de maneira dinamizada, através de trocas de saberes entre professoras, estagiárias e alunos. As descobertas vieram por meio dessas interações, e confessamos que não esperávamos essas possibilidades durante a prática, mas, para nossa surpresa, as crianças articularam os conhecimentos de forma excelente.

Ao clube, devemos todo o apoio, como foi dito anteriormente. Além disso, outro ponto positivo foi o desejo dos membros de divulgar e dialogar sobre a história do local, oferecendo todos os documentos para que fosse efetuada a pesquisa no acervo e a difusão da trajetória de luta da instituição. Fomos tratadas com respeito e companheirismo, e a participação ativa do clube no processo de construção do estágio permitiu firmar um contato profícuo com a universidade.

As experiências foram relevantes, pois o diálogo ocorreu de forma transparente com a instituição. Dentro do local, descobrimos aspectos sociais da cultura negra e do clube que são desconhecidos pela população. Ao pesquisarmos seu acervo, notamos que a cultura afro está presente em toda a trajetória do 24 de Agosto, que se constituiu como espaço de perpetuação da memória de luta e resistência das populações negras na busca por igualdade e justiça. Um exemplo dessa luta foi a própria criação do clube. Sua importância na comunidade também é

significativa, uma vez que o espaço recebe diversos eventos, assim como é usado pelos frequentadores para a prática de danças, cantos, reuniões, saraus etc.

No Clube Social 24 de Agosto e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XXI, tivemos a oportunidade de trocar experiências e ideias sobre o ensino em espaços não escolares e deixamos os materiais da exposição no clube para uma possível intervenção do mesmo gênero futuramente. A prática ainda propiciou momentos que envolveram trocas entre o fazer e o ensinar, contribuindo para o autoconhecimento, a desinibição, a socialização, a construção da cooperação, o respeito e o cuidado.

A partir da exposição e da oficina, buscamos fazer com que professores e estudantes tenham maior contato com a cultura afro, desenvolvendo uma percepção crítica para desconstruir concepções etnocêntricas legitimadas por um ensino de História tradicional, no qual a existência do povo negro aparece ligado apenas à escravidão. A fim de romper, de alguma forma, com essa concepção de História dita oficial, verificamos a relevância desse trabalho para auxiliar na construção de cidadãos pensantes e preocupados com questões sociais e étnicos-raciais.

Referências

- Entrevista:

LIMA, Viviane. Entrevista concedida a Kênya Jessyca Martins de Paiva e à Mariana Soares da Silva. Jaguarão, 2013.

- Obras gerais:

ABAIXO-ASSINADO de apoio ao Clube 24 de Agosto da cidade de Jaguarão-RS na luta pela manutenção de sua sede social. *Petição Pública Brasil*. Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=clube24>. Acesso em: 10 maio 2013.

BRASIL. Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares. *O Negro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IPHAN, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília,

DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 maio 2020.

FRAGA, Hilda Jaqueline. A cidade e seus percursos educativos: fontes e abordagens para o ensino e a pesquisa em História. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH – RS, 10., 2010, Santa Maria. *Anais eletrônicos* [...]. Santa Maria: UFSM; UNIFRA, 2010. p. 1-11. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279468467_ARQUIVO_ArtigoANPHU2010.pdf. Acesso em: 20 abr. 2013.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e coisas da fronteira sul: ensaios históricos*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

NUNES, Juliana dos Santos. “*Somos o Suco do Carnaval!*”: a marchinha carnavalesca e o cordão do Clube Social 24 de Agosto. 2010. 75f. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança. Prática reflexiva e participação crítica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 5-21, set./dez. 1999. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE12/RBDE12_03_PHILIPPE_PERRENOUD.pdf. Acesso em: 21 abr. 2013.

RICARDO, Janice de Ávila. *O Clube Negro 24 de Agosto: lugares de história e memória*. Jaguarão, 2010.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão: os letrados e a sociedade no Brasil colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.